



## Considerações sobre a pesquisa em ciências sociais: sociologia e literatura

Considerations about the research in social sciences: sociology and literature

*Alberto Souza Silva - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS/UFAM*  
E-mail: [alb.souza@hotmail.com](mailto:alb.souza@hotmail.com)

---

### Resumo

O presente texto tem como objetivo tecer algumas considerações a respeito de algumas questões da prática de pesquisa, evidenciando algumas condutas, preocupações e cuidados para os quais o bom pesquisador deve atentar como, uma boa construção do objeto de pesquisa e a escolha da temática mais apropriada para abordá-lo

---

### Abstract

This text aims to make some considerations on some issues of the practice of research, showing some conducts, worry and care for which the good researcher should look like, a sound construction of the object of research and the thematic choice more appropriate for addressing it.

---

### Palavras-chave:

metodologia da pesquisa, sociologia da literatura.

---

### Keywords:

research methodology, sociology of literature.

## INTRODUÇÃO

Quando elaboramos e decidimos levar adiante uma pesquisa, há certos procedimentos que devem indispensavelmente ser levados em conta como, a conduta de compromisso do pesquisador, uma boa construção do objeto de pesquisa, e a temática mais apropriada para abordá-lo. Sendo assim propomo-nos neste texto fazer algumas considerações a respeito dessas questões que acreditamos serem muito importantes para a obtenção de resultados satisfatórios numa pesquisa em ciências sociais.

Assim, na primeira parte do texto tecemos, baseados em textos de autores como C. W. Mills, Linda Gondim etc. algumas considerações a respeito das qualidades que um bom pesquisador necessita ter. Em seguida fazemos uma breve explicação a respeito da importância de uma boa construção do objeto de pesquisa tendo como referencial as assertivas de Pierre Bourdieu. Por fim, faremos uma explicação a respeito da pesquisa em sociologia da literatura, ou mais precisamente, da forma como devemos abordar um autor e sua obra. Essa trata-se na verdade da temática da pesquisa de mestrado do autor deste texto, contudo, não se trata da pesquisa em si.

### **Características do bom pesquisador**

Logo no início de seu livro “Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios”, C. Wright Mills lembra que os mais admiráveis pensadores que se moveram ou ainda se movem pela academia, independente do campo que decidiram atuar, não separam seus trabalhos de suas vidas, posto que essa é uma boa forma de enriquecer a ambos e a entrega ao trabalho ou “ofício” de intelectual nada mais é do que uma forma de aperfeiçoar-se a si próprio. Uma vez que a escolha do caminho do conhecimento consiste muito mais num modo de vida e, portanto, as experiências contam imensamente para desenvolvimento intelectual (MILLS, 2009).

Assim é que Mills atesta que o cientista social iniciante deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual, examinando-a e interpretando-a de forma contínua, tendo em mente que “ter experiência”, significa que o passado influencia e afeta o seu presente, definindo assim, a sua capacidade de experiência futura. Sendo assim, é somente

quando aprende a controlar esse processo que se torna capaz usar suas reflexões para moldar a si próprio em artesão intelectual (MILLS, 2009).

Portanto, de acordo com Mills (2009), é essencial que o cientista social cultive e mantenha procedimentos que lhe permitam organizar e cuidar de suas experiências pessoais, guardando-as, por exemplo, em um “arquivo” ou diário onde, posteriormente, lhe permita relacioná-las com suas atividades profissionais, trabalhos em andamentos, estudos planejados, etc. que de uma forma ou de outra podem dar vazão a idéias promissoras.

Percebe-se dessa forma, que a abordagem de Mills, armado da própria experiência do grande pesquisador que foi, vem no sentido de demonstrar para os iniciantes em ciências sociais que a pesquisa é uma atividade ou “ofício” semelhante a um grande artesanato (intelectual), cuja tessitura, exige paciência, esforço, dedicação, organização e uma dose extra de criatividade, curiosidade e entusiasmo em relação ao conhecimento. Sendo assim, a experiência, não só no sentido de tempo de dedicação, mas também a refletida, é importante porque é ela que dará a direção, dimensão, profundidade e contornos à pesquisa, ou seja, a execução da pesquisa dependerá da maturidade do pesquisador para considerar questões como recorte da pesquisa, metodologia, filiação teórica, tipos de abordagens como qualitativa ou quantitativa, e de muitos outros itens intrínsecos ao seu bom desenvolvimento.

Sendo assim, é essencial que o pesquisador procure desenvolver algumas qualidades, tome alguns procedimentos e se preocupe com algumas questões que podem levá-lo a otimizar seu tempo e obter resultados mais satisfatórios na execução de sua pesquisa. Portanto, segue-se agora o caminho de algumas discussões que acreditamos importantes para a orientação do pesquisador.

De acordo com Linda Gondim (2006): “Pode-se apontar como características de um bom pesquisador o gosto pelo trabalho, a curiosidade e a disciplina” (20). Para a autora, uma das características primordiais em um bom pesquisador é o gosto pelo trabalho intelectual. Mesmo que este não seja um apreciador de todas as etapas do processo de pesquisa, como C. W. Mills que não era grande adepto do trabalho de campo, é necessário que o pesquisador conheça e mesmo vivencie se preciso, essas experiências, pois, “*é esse tipo de trabalho que ‘fecunda’ a inteligência, a qual se nutre as teorias*” (20).

Outra característica essencial é a criação das próprias teorias ou formulações, tendo em vista que a pesquisa, acima de tudo consiste no ato criador. Contudo, essa passa primeiro por outra em nada menos importante que é o hábito de leitura, mas uma leitura sistemática onde se possa articular o que se lê com suas inquietações intelectuais e, principalmente, com sua pesquisa.

A leitura, que em especial deve ser feita direcionada a bibliografia da pesquisa, deve ser realizada buscando o maior aproveitamento possível, tomando-se notas e observações que ajudem a organizar as idéias, registrando-as e escrevendo-as no papel para que depois sejam aprofundadas (GONDIM, 2006). Essa concepção, por sinal, é muito semelhante à do filósofo alemão Schopenhauer, em seu livro “A arte de escrever” (2011), quando ressalta que a leitura de poucos livros de forma sistematizada e amplamente pensados é muito mais proveitoso do que a leitura de uma biblioteca inteira, mas sem qualquer aprofundamento em qualquer uma das obras, que portanto, pouco ou nada realmente de valor pode nos oferecer. Ou seja, o autor ressalta que é preciso “digerir” as idéias para que destas possamos nos nutrir, e assim, que surjam outras.

Portanto, munidos com essas qualidades, reconhecendo-as em si e cultivando-as cada vez mais, o pesquisador estará apto a refletir mais acuradamente sobre sua formação como bom pesquisador. Na verdade esse processo consiste na incorporação do *habitus* acadêmico, no cultivo de certos rituais que na sua constante execução e reflexão proporcionam uma objetivação do seu “ser, agir e pensar” como pesquisador, “*de ser capaz de apreender a pesquisa como uma atividade racional*” (BOURDIEU, 2010, p.18). Com Bourdieu percebemos que no mundo da pesquisa como em outras esferas da vida social não pode haver espaço para a figura do “gênio”, isto é, o indivíduo isolado cuja produção artística ou científica resulta apenas de sua inspiração individual, e que a vida acadêmica consiste muito mais numa rede de relações sociais onde é imprescindível que o pesquisador esteja inserido. E para isso, a produção e a divulgação de trabalhos para a comunidade acadêmica, ou seja, seus pares, é de suma importância para que se mantenha um intercâmbios de idéias, tendo em vista que o conhecimento é na verdade uma construção social coletiva.

Sendo assim, de acordo com Bourdieu (2010) é expondo seus trabalhos (mesmo que ainda incompletos) e, conseqüentemente, a si mesmo para seus pares é que o pesquisador terá o retorno de seus esforços (acumulando capitais específicos) tendo em vista que “*quanto mais a gente se expõe, mais possibilidades existem de tirar proveito da discussão e, (...), mais benevolentes serão as críticas ou os conselhos* (18)”. Portanto, o bom pesquisador não deve ter medo de se expor e de por seu trabalho em evidencia, uma vez que até os pesquisadores mais experientes possuem limitações e buscam em seus pares, ou mais precisamente em suas sugestões, as alternativas para superá-las. Não é raro por exemplo, vermos em introdutórios de trabalhos acadêmicos e livros, o agradecimento do autor direcionado a alguma pessoa ou grupos de pessoas, pela revisão do trabalho e sugestões para melhoramento da obra.

Nesse ínterim, é oportuno observar que a exposição ou divulgação de um trabalho passa também pela necessidade de um bom texto escrito. O pesquisador para que possa ser compreendido em suas pesquisas, tem que ser fazer compreendido em seus textos, tendo em vista que a maior parte das produções acadêmicas, independente do nível (graduação, pós-graduação, professores), são divulgadas em formas de textos. De acordo, com Gondim (2006), é preciso atentar para a audiência ao qual o texto se refere (seus pares em diferentes níveis de formação), mas o desejável é que possa ser compreendido por profissionais de outras áreas ou mesmo qualquer um que tenha o mínimo de conhecimento para compreender o vocabulário complexo.

Essa formas de proceder, por mais corriqueiras que possam parecer, são cruciais para que o pesquisador, principalmente o iniciante, se mantenha na linha do rigor científico.

### **A Construção do objeto na pesquisa em Ciências Sociais**

Quando nos propomos a fazer uma pesquisa, seja qual for a etapa do nível de formação (graduação, mestrado, doutorado), um dos primeiros passos que damos, é a elaboração de um esquema, ou mais precisamente um roteiro que denominamos “projeto de pesquisa” que será na verdade o que servirá como referencia, ao longo da duração do estudo, para a elaboração do trabalho de fôlego até a sua versão final. Podemos dizer assim, que é no projeto de pesquisa que estão de forma resumidas todas a etapas que se pretende realizar ao longo da pesquisa.

Portanto, no projeto de pesquisa deve está evidenciado todo o percurso que se pretende percorrer e os objetivos almejados, ou seja, deve responder a questões quanto à duração do tempo de pesquisa, o que se quer fazer, por que fazer e a partir de que. O projeto de pesquisa é importante porque permite o mínimo de controle possível sobre a pesquisa, tendo em vista, que ao longo de sua realização podem acontecer vários imprevistos. Até porque esse pode sofrer inúmeras reformulações até tomar uma forma definitiva, uma vez que a construção do objeto:

Não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de acto teórico inaugural, e o programa de observações ou de análises por meio do qual a operação se efectua não é um plano que se desenhe, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correcções, de emendas, sugeridas por o que se chama de ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas (BOURDIEU, 2010, p. 27).

A preocupação que devemos ter de início, portanto, para que a pesquisa se desenvolva sem maiores complicações (uma vez que as dificuldades nunca estarão ausentes) é uma boa construção do objeto de pesquisa. O que não quer dizer, no entanto, que uma vez estabelecido, a forma como ele será abordado ou considerado não vá sofrer novas modificações ao longo da investigação. É algo que pode ser comparado com um jogo de quebra-cabeça, ou seja, sabemos que o objeto está ali, mas a “verdade” em torno dele está encoberta ou fragmentada, cabe ao pesquisador a busca da solução do problema, tentando encaixar as peças de várias formas. Às vezes perceberá que alguma peça não pertence ao quadro geral e então a descarta, e outras, perceberá que uma ou várias peças se perderam, observará o espaço da lacuna e construirá, utilizando-se de sua perspicácia, outras peças com a maior aproximação possível para dar forma à imagem. O que não deve faltar é a persistência, o método e, principalmente, o rigor no trato do andamento da pesquisa.

Quanto à questão do rigor Bourdieu é bastante enfático, tendo em vista que em ciências sociais os pesquisadores estão propensos ao julgamento do senso comum e a pré – noções advindas do tanto do mundo não-científico, quanto do próprio mundo científico, e que são extremamente prejudiciais a qualidade da pesquisa. Portanto, é necessário que o pesquisador esteja vigilante quanto aos seus próprios procedimentos, mantendo uma postura de constante revisão racional de seus pressupostos, inclusive quanto ao próprio “interesse” em relação ao objeto que estuda.

Sendo assim, Bourdieu aponta para a ruptura do pensamento epistemológico por parte do pesquisador. Um exercício extremamente difícil, pois, incide diretamente sobre determinantes sociais há muito enraizados no modo científico de apreensão de qualquer tipo de objeto. Tendo em vista que o campo científico é um espaço de relações de forças sociais, o que está em jogo na disputa é o monopólio da autoridade ou competência científica, definida intrinsecamente através da capacidade técnica e do poder social o que também envolve, portanto, a capacidade de falar e agir legitimamente e definir o que vem a ser e como deve ser praticada a ciência. Daí, portanto, a necessidade do cientista social “pensar relacionalmente”, ou seja, compreender como estão configuradas as relações sociais no campo em que está inserido e dentro, dessa forma, evitar os vícios da atividade científica (BOURDIEU, 2010).

Portanto, o que chama de “objetivação participante” consiste numa forma crítica de considerar não somente os fenômenos sociais a sua volta, mas também, as suas próprias reflexões

científicas a respeito deles e assim evitar as considerações reducionistas do senso comum científico ou, nas palavras do próprio auto:

A objetivação da relação do sociólogo com o seu objecto é, como se vê bem neste caso, a condição da ruptura com a propensão para investir no objecto, que está sem dúvida na origem de seu "interesse" pelo objecto. É preciso, de certo modo, ter-se renunciado à tentação de se servir da ciência para intervir no objecto, para se estar em estado de operar uma objectivação que não seja simples visão redutora e parcial que pode ter, no interior do jogo, de outro jogador, mas sim a visão global que se tem de um jogo passível de ser apreendido como tal porque se saui dele. Só a sociologia da sociologia - e do sociólogo - pode dar um certo domínio dos fins sociais que podem estar na mira dos fins científicos directamente prosseguidos. A objectivação participante, sem dúvida, o cume da arte sociológica, por pouco realizável que seja, só o é se firmar numa objectivação tão completa quanto possível do interesse a objectivar o qual está inscrito no facto da participação, e num pôr – em – suspenso desse interesse e das representações que ele induz. (BOURDIEU, 2010, p. 58).

Essas considerações são extremamente importantes não somente para a construção do objeto e da condução da pesquisa em si, como suporte para superar limitações epistemológicas ou metodológicas do fazer científico. Mas também, como um instrumento essencial para compreender como se dão as relações sociais dentro de determinado campo. Tendo em vista que o campo científico como qualquer outro campo é movido por relações de poder e a capacidade de percebê-las e descortiná-las é essencial para o aprimoramento tanto do pesquisador quanto da ciência que ele pratica.

### **A pesquisa em sociologia da literatura: como abordar um autor e sua obra**

A literatura sempre foi uma fonte privilegiada de apreensão da realidade entre os sociólogos. Nas obras de Marx e Engels, por exemplo, é verificável uma quantidade considerável de referências a escritores como Balzac, Dickens, etc. que com suas respectivas ficções ofereceram importante contribuição para a compreensão do contexto sócio-econômico em que estavam inseridos e o qual descreveram muito bem.

Contudo, o potencial da literatura em pesquisas em sociologia vai muito além da mera descrição de um contexto histórico. Um escritor e sua obra, sendo partes de uma dinâmica social, podem nos dá uma compreensão muito mais ampla a respeito da sociedade, utilizando-nos para isso dos métodos sociológicos cabíveis.

Nesse contexto, autores como, Elias, Bourdieu, Candido entre outros, que realizaram importantes incursões no campo da sociologia da cultura, oferecem um aporte imprescindível para pesquisas em sociologia da literatura. Depois de analisar o que tais autores disseram sobre a temática, mesmo com ligeiras diferenças no ponto de vista inerentes às suas origens de pensamento, podemos constatar que o que é importante quando se considera, em uma pesquisa em ciências sociais, um “documento ou artefato histórico” – e aqui o termo se refere à obra – de arte ou ao projeto criativo de um artista em um determinado ponto do espaço/tempo - é tomá-lo como uma manifestação individual, e ao mesmo tempo, social de um contexto histórico, ou seja, uma representação da realidade em que o artista/escritor está ou esteve inserido.

São circunstâncias que envolvem tanto a disposição do artista/escritor a aderir a certas disposições institucionais (condicionamentos sociais), assim como, certas “disposições de espírito” ao qual esteve conectado por determinado período. Com essa concepção, podemos entender que as obras de arte não são frutos de uma disposição de espírito particular, ou de uma inspiração que a determinado momento toma de assalto seu autor, mas sim de um conjunto de predisposições que a determinado tempo estiveram em evidencia e nas quais o escritor/artista tomou parte, mas não necessariamente de forma consciente (BAXANDALL, 2006).

Quanto a esse aspecto Bourdieu (2010) nos dá alumbramento para pensar a questão, pois para esse autor a obra de arte deve ser apreendida em sua dupla procedência: como produto de um *habitus*, que consiste no capital cultural do artista/escritor, acumulado ao longo de sua vida através da educação, convivência familiar, etc. e outra como produto de um agente do campo artístico/literário (um contexto social), um espaço regido por regras ou forças coercitivas que determinam ou moldam a ação do sujeito, considerando aí também, a posição que este ocupa neste espaço de possibilidades que o campo configura. Realizando assim um encontro entre “*uma pulsão expressiva e um espaço dos possíveis expressivos, que faz com que a obra, ao realizar as duas histórias de que ela é produto, as supere*” (BOURDIEU, 2010, p. 70).

Em seu livro “As Regras da Arte” (1996) Bourdieu constitui, através da análise do cenário literário da França do século XIX e da postura estéticas de autores como Flaubert, Baudelaire e outros artistas, o que se convencionou chamar de gênese do campo literário, ou o momento em que os mecanismos de legitimação e consagração de escritores deixam de ser estabelecido por critérios externos ao meio literário – e onde os artistas/escritores eram considerados meros funcionários – e passa a ser regido por um conjunto de regras e procedimentos inerentes ao campo específico que se torna, portanto, a partir desse momento, autônomo. Dessa forma, para



Bourdieu (1996), compreender a gênese social de um campo é entender o funcionamento de um sistema que comporta um conjunto de mecanismos e conceitos intrínsecos a uma crença. Crença essa que por sua vez fundamentam o próprio campo literário, pois é em torno dela que se dá o que Bourdieu denomina de “campo de forças” que age de forma diferenciada sobre os que se encontram em seu domínio, levando em consideração a posição de cada agente do campo, provocando tensão e concorrências que “*tendem a conservar ou a transformar esse campo de forças*” (p.263). Ou seja, são essas tensões e concorrências que estruturam a dependência recíproca entre os comportamentos individuais e as instituições (literárias).

Na pesquisa de Bourdieu sobre o campo literário francês o que o autor vislumbrou foi um momento de transição ou mesmo de revolução dentro de um campo específico, uma subversão dos cânones outrora estabelecidos. Comparada aos séculos anteriores – quando o cenário artístico e literário era dominado pela corte e pelo clero - a literatura do século XIX ganha novos contornos com a entrada em cena do homem burguês. A ascensão da burguesia industrializada e endinheirada traz consigo uma forma racionalizada de considerar as produções culturais (literatura, pintura, etc.) e os próprios produtores artísticos. Agora o valor das obras artísticas é atribuído de acordo com uma lógica mercantilista e, portanto, transformadas em formas vendáveis. O gosto dos novo-ricos detentores do dinheiro e do poder volta-se para os romances, que em suas formas mais facilmente apreensíveis como o folhetim, fomentam o surgimento de um forte mercado editorial, principalmente ao que concernem os jornais. Enquanto que os produtores culturais ou artistas, especialmente os escritores, dependendo das suas tomadas de decisão dentro dessa nova dinâmica do campo artístico, tendem a serem legitimados, se a esse sistema se submeterem, ou deixados de lado, se oferecerem resistências nos ajustes as novas regras estabelecidas (BOURDIEU, 1996).

Desse modo, uma análise profunda dessa dinâmica social que se instaura no cenário artístico/literário francês foi essencial para que Bourdieu apreendesse os mecanismos de legitimação no campo artístico em que se encontravam artistas como Flaubert e Baudelaire, bem como as nuances da relação indivíduo/sociedade que permearam os processos criativos desses autores, que envolvem questões como as convenções sociais, temperamento pessoal, preferências por certos temas, , etc. Para o autor, a leitura interna do romance de Flaubert “*A Educação Sentimental*”, foi crucial para que chegasse a essas conclusões, uma vez que o trecho desse romance oferece uma visão muito análoga a situação do próprio Flaubert, pois esta, na ótica de Bourdieu, faz uma abordagem sobre as lutas travadas pelas personagens para conquistar e manter uma posição no campo, ou seja, a busca da consagração no cenário artístico/literário francês,

objetivo que só será alcançado se o agente for capaz de equacionar suas aspirações com as demandas inerentes ao campo. Além disso, ainda de acordo com Bourdieu, essa obra é um marco porque é a partir do momento de sua publicação que se pode falar de uma autonomia do campo literário Frances (BOURDIEU, 1996). A leitura interna ou do trecho do romance de Flaubert permitiu a Bourdieu perceber que nela se inscreve um microcosmo da realidade de seu autor, sua matéria, portanto, reproduz as relações sociais no qual seu autor toma parte ou faz parte. Além disso, a obra em si, seu estilo e sua forma, também se insere nessa regra uma vez que são resultados de um imperativo de certo momento do campo literário. Por outro lado, também prevalecem as idiosincrasias do autor, ou seja, sua experiência de vida, temperamento, desejos, preferências, objetivos e estratégias. Portanto, todos esses elementos tomados de forma particularizada por um indivíduo (no caso, Flaubert) é o que vai gerar a sua singularidade.

Nesse sentido, podemos dizer que os esforços de Bourdieu se estenderam no sentido de buscar uma solução para a falsa dicotomia subjetivo/objetivo ou indivíduo/sociedade. Em “a Regras da Arte”, como em todo o conjunto da obra de Bourdieu a questão constantemente levantada diz respeito a mediação entre o agente social e a sociedade. Questão essa que por sinal, é bastante problemática porque envolve duas formas de apreensão do mundo distintas e mesmo antagônicas que são: o objetivismo e o subjetivismo. Enquanto uma apreende a sociedade como coisa, a outra tende a compreender o mundo a partir do ponto de vista do sujeito. Portanto, uma problemática que evoca a controvérsia entre dois clássicos da sociologia: Durkheim e Weber (BOURDIEU, 1983). Verificamos dessa forma, que Bourdieu se utiliza do cenário cultural para explicar essa complexa relação. Põe em prática o chamado método ou conhecimento praxiológico que consiste numa releitura crítica das ferramentas analítica dos conhecimentos fenomenológico e objetivista (Bourdieu, 1980).

Em “As Regras da Arte”, percebemos que o campo, em suas convenções sociais, não obsta o agente de uma realização criativa, mas que na verdade esta só se realizar porque o agente toma parte nessas convenções, internalizando-as, reproduzindo-as e, dependendo da configuração de seu *habitus* – moldado ao longo de sua vida através das experiências pessoais – transformando-as, subvertendo as regras estabelecidas, uma vez que as rupturas das regras também fazem parte do jogo que no campo se joga. Na verdade o que Bourdieu assevera é que somente alcançam liberdade de ação no campo aquele que mergulha profundamente no seu *modus operandi*, assimilando ou internalizando inteiramente as regras de seu funcionamento.

Portanto, o caso de Flaubert se mostra bastante ilustrativo quanto a esse aspecto, tendo em vista que o escritor foi o maior expoente do que Bourdieu designa como gênese do campo literário. Ao contrário dos demais subversivos que se opunham quanto a uma mercantilização da literatura e da arte como um todo, Flaubert era um “homem de posses”, sua sobrevivência, portanto, não dependia exclusivamente da atividade de escritor, mas como tal também estava submetido a regras de um campo específico, sendo assim, a busca da legitimação e consagração passava pela necessidade, ao menos em parte, de se ater a essas regras estabelecidas. O diferencial, no entanto, se dá pelo conjunto de experiências que configuraram seu *habitus* e que por sua vez norteará estratégias e escolhas que o agente Flaubert desenvolve no espaço de possibilidades do campo literário francês, e que lhe dará suporte para explorar ao limite seu potencial criativo e aí promover a mudanças de paradigmas.

Uma perspectiva de abordagem muito semelhante a de Bourdieu encontramos em Norbert Elias com o livro “Mozart: sociologia de um gênio” (1995). Neste estudo, Elias busca compreender de que forma a trajetória de uma personagem histórica como Mozart é capaz de evidenciar as nuances de um contexto histórico-cultural de uma sociedade, no caso específico, uma “sociedade de corte”. A análise toma como objeto a biografia e o projeto criativo do músico austríaco, que buscando fazer música autoral num cenário artístico ainda muito atrelado aos costumes de corte (e, portanto, aos seus critérios de produção, distribuição e consumo da arte) não obtêm sucesso esperado, morrendo pobre e como um anônimo numa Viena, que alguns anos depois consagrariam Beethoven, já num contexto social bastante diferente e que comportava as inovações que Mozart tentou introduzir.

Mozart tentou realizar um projeto de carreira em um contexto sociocultural que não comportava ainda as bases para a sua consolidação. Como músico de corte, não contava com os espaços de possibilidades necessários para angariar capitais simbólicos, o campo musical ainda não havia conquistado sua autonomia plena e, portanto, encontrava-se bastante atrelado a forças motrizes externas que detinham os critérios de produção, avaliação e consumo, ou seja, a sociedade de corte. Sendo assim, podemos dizer que o campo musical em que Mozart estava inserido não possui a dinâmica necessária a sua manutenção como um campo autônomo, seus pares não estavam plenamente interligados, e dessa forma não poderiam provocar o tipo específico de tensão ou concorrência que é a geradora de transformações ou mudanças que poderiam culminar numa autonomia do campo artístico. Podemos dizer que o caso de Mozart trata-se não somente de um conflito entre estabelecidos e outsiders no âmbito do campo artístico, mas também de um conflito de classes manifesto pela oposição de conduta entre o

gosto burguês (que na verdade encontrava-se ainda em processo de formação) em oposição ao gosto cortesão, enrijecido como padrão cultural.

De acordo com Elías, o pai de Mozart, Leopold Mozart, tentou educar o filho dentro do padrão musical cortesão vigente, intuito em que, aliás, foi muito bem-sucedido. Mas também tentou conformar o comportamento do filho dentro dos critérios que se exigia de um músico de corte, o que incluía se submeter a uma rotina de bajulações e humilhações que Mozart não admitia e muito menos conseguia levar adiante, resultando numa sucessão de desentendimento que culminaram no seu isolamento profissional e atuando como autônomo para sobreviver. Acostumado desde a mais tenra idade com o sucesso e a fama, saindo inclusive muito precocemente em turnês por varias cidades européias, Mozart relutava em ser tratado como um mero funcionário da corte e julgava-se como um igual ou mesmo muito superior àquela gente que pouco ou praticamente nada entendia de sua arte (ELIAS, 1995).

Vemos assim que atrelado aos gostos da corte, fazendo música por encomenda, aos moldes de um artesão e com os critérios estabelecidos pelos patrões, Mozart não tinha a oportunidade de extravasar seu potencial criativo, de experimentar e muito menos inovar na arte que praticava. O que ilustra bem a situação do campo musical em que ele estava inserido. Fato que de acordo com Elías (1995) não se repete com outros campos, como o literário alemão, por exemplo, que há muito já contava com um mercado de consumidores bastante desenvolvido e critérios de legitimação independentes de uma influência direta em relação à aristocracia.

E esse é um ponto importante porque evidencia irregularidades no desenvolvimento da arte em diferentes sociedades, uma vez que demonstra que a transição da arte de artesão para arte de artista, que se trata na verdade de um *deslocamento civilizador*, não aconteceu simultaneamente em todos os campos artísticos ou em todos os lugares do mundo. O que permite compreender através de costumes e práticas cristalizados, a dinâmica cultural da sociedade em diferentes lugares e contextos históricos (ELIAS, 1995)

Podemos notar assim, por essas duas abordagens expostas, que a literatura e o mundo artístico em geral nos oferecem uma gama de possibilidades para compreensão do mundo social. Contudo, de acordo com Antonio Cândido (2006) as incursões da ciência pelo campo da literatura têm mostrado que esse não é um terreno fácil e aqueles que se aventuram trilhar por essas veredas podem ser atraídos por armadilhas que às vezes nos levam a desviar do objetivo pretendido.

É o que tem se colocado a respeito da relação entre a obra e seu condicionamento social e a partir dessa relação os pressupostos para a compreensão da mesma. Assim é que há bem pouco tempo procurava-se medir o valor de uma obra levando em consideração o fato de “*ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial*” (12) nessa abordagem procura-se estabelecer, até de forma muito exagerada, uma relação da obra o meio social, enfatizando certos aspectos, como o político, por exemplo, que em certas concepções seria algo primordial para conferir seu valor. Em seguida com o surgimento da concepção estética, apela-se para o oposto do primeiro caso e passa-se a considerar a matéria da obra como algo secundário, importando apenas as *operações formais em jogo*, atribuindo-se assim à obra uma peculiaridade que a torna independente de qualquer condicionamento, principalmente no que diz respeito a termos sociais. De acordo com essa perspectiva o fator estético é preponderante para se atribuir valor à obra, não tendo praticamente nenhuma influência dos condicionantes sociais. Contudo, verificamos que os argumentos desse tipo de abordagem se esfacelam quando fazemos uma análise mais aprofundada da vida do autor, de seu contexto histórico e demais aspectos que fazem parte do seu meio social que no fundo é o que o norteia as suas ações como produtor cultural. (CÂNDIDO, 2006).

O fato é que hoje, assevera Cândido:

sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas: e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura tornando-se, portanto, interno (CÂNDIDO, 2006, p. 13-14).

Além disso, Cândido (2006) estabelece uma distinção entre as disciplinas que podemos utilizar para levar a cabo uma pesquisa desse gênero. Portanto, coloca que a Sociologia da Literatura se preocupa em especial com os fatores externos de uma obra e tende, portanto, a levantar questões a respeito da preferência por gêneros, gostos de classes, origem social dos autores, relação entre obras e idéias, influência da organização social, econômica, e política etc. Por outro lado, temos a Crítica literária que por sua vez tem como foco a análise da intimidade das obras e, portanto, preocupa-se em averiguar os fatores que atuam em sua estrutura interna. Contudo, levando em consideração que hoje em dia há uma tendência mediadora entre duas

formas de abordagens, onde as duas são utilizadas de forma equacionada, é lícito dizer que forma de escolhida dependerá muito mais do enfoque que o recorte da pesquisa proporcionará do que da preferência por um ou por outro viés metodológico, pois na verdade as duas formas são válidas.

Por outro lado, tomando os rumos da Sociologia da Literatura, verificamos que se trata do viés mais apropriado para uma pesquisa qualitativa em Ciências Sociais por enfatizar a importância de uma análise que envolva tanto a esfera individual, quanto a esfera social da obra literária. De cunho científico a abordagem sociológica nos põe a par da necessidade de considerar a obra de arte dotada de uma significação social e, portanto, passível de compreensão e explicação de certos aspectos do meio social.

Nesse sentido, quando nos propomos a por em prática uma pesquisa sobre um autor e sua obra, temos que atentar para o fato que estamos lidando com um indivíduo, “*uma expressão da história pessoal e social, representativa de seu tempo, seu lugar, seu grupo, síntese da tensão entre a liberdade individual e o condicionamento dos contextos estruturais*” (GOLDENBERG, 2004, p. 36). Sendo assim, é imprescindível que ao fazer o recorte da pesquisa, busquemos os métodos que nos permitam a maior aproximação possível da história desse autor e que nos permita descobrir quem ele é ou foi, suas motivações, suas idéias, objetivos, seu ambiente social, contexto histórico em que estava inserido, etc.

Sendo assim, de acordo com Goldenberg, sua biografia será equivalente a um livre aberto sobre a sociedade em que ele está inserido, pois em seus atos esse indivíduo é uma manifestação da universalidade de uma estrutura social. A autora afirma, portanto, que o método biográfico em Ciências Sociais é de grande valia quando se quer entender a singularidade de um indivíduo em relação a um contexto social e histórico ao qual ele pertence. Goldenberg evoca ainda o exemplo já citado do livro de Norbert Elias sobre Mozart, bem como sua própria pesquisa sobre a trajetória de Neila Diniz, ou seja, “*toda mulher é meio leila Diniz*. Sendo assim, para a autora a reconstituição de uma história de vida através do método biográfico em ciências sociais é um instrumento indispensável para compreender como um indivíduo dirigiu seus passos através de seus valores, interesses e estratégias para alcançar seus objetivos de vida.

Por outro lado, tendo em vista que as biografias ou autobiografias são relatos de vida direcionados, construídos a partir do ponto de vista do próprio ou de outros indivíduos com o intuito de dar sentido, consistência e constância a uma trajetória, é imprescindível a busca de outras fontes e alternativas que nos proporcione ouvir o “*não dito*” das biografias ao qual

tivermos acesso (GOLDENBERG, 2004). Portanto, se faz necessário através de entrevistas com familiares, amigos, e outros indivíduos próximos, e da análise de documentos disponíveis como diários, cartas, rascunhos, anotações etc., tecer a rede de relações sociais do pesquisado, e assim construir os dados que nos permitam superar as lacunas existentes em sua história de vida. Goldenberg lembra que uma boa forma de entender esse método é pensá-lo a maneira de Haward Becker que utilizava a imagem do “mosaico” para considerar os dados ou informações a respeito de um indivíduo. Sendo assim, cada “peça” da vida de um indivíduo era acrescentada ao mosaico contribuindo para a compreensão do quadro como um todo.

Porém, vale ressaltar novamente que em uma pesquisa em ciências sociais uma biografia isolada não é muito e para que ela possa nos dizer algo é necessário confrontá-la com a estrutura social ao qual ela pertence, pois é nessa confrontação que podemos compreender qual é a significação das ações desse indivíduo e portanto, a função social que ela exerce. No caso de uma pesquisa sobre um escritor esse aspecto é essencial, uma vez que sua obra expressa visões de mundo que são coletivas, pertencente a um grupo e para o qual essa obra terá um significado. Podemos dizer por sinal a ação desse indivíduo se dá pela palavra escrita, mas que, portanto, para que ela se exerça é preciso que ela atinja outros sujeitos para o qual ela tem um significado.

Munidos desses esclarecimentos de como considerar as relações sociais, a vida e obra do autor pesquisado é possível descortinar as facetas dessa intrincada rede de significados que envolvem nosso objeto. Se utilizando de uma analogia (muito conveniente), podemos dizer que uma obra literária pode assemelhar-se a um quadro ou pintura, onde o que está representado é na verdade um recorte ou modo de considerar a realidade, que quando exposta aos observadores a interpretação de acordo com seus pontos de vista ou visão de mundo, e que muito provavelmente, não serão iguais entre si e muito menos em relação à do pintor ou autor. Mesmo que a pintura faça sentido para todos, e que reconheçam o signo pintado (por exemplo, uma moça banhando-se em um rio) as interpretações serão variadas, cada um acabará também, fazendo seu recorte e de alguma forma acabará contribuindo para sua composição.

Algo semelhante notamos no livro de Baxandall, “Padrões de Intenção: a explicação histórica dos quadros” (2006), quando o autor examina a noção “influência” de Cézanne sobre Picasso, questionando essa via de mão única. Assim, refazendo o processo histórico da relação de Picasso com a obra de Cézanne, Baxandall chega à conclusão de que “*a verdade é que Picasso exerceu uma ação muito determinante sobre Cézanne (115)*” e que “*reescreveu a história da arte dando a Cézanne uma importância histórica muito maior e mais decisiva (...) ele deslocou a obra de Cézanne para o centro da grande tradição da cultura européia. Por outro lado, sua abordagem era um pouco tendenciosa*” (105).

Percebemos assim que na pesquisa sobre uma obra ou autor e obra, devemos fazer uma interpretação à maneira de Clifford Geertz em “uma descrição densa” devemos ser capazes de interpretar e diferenciar os diferentes tipos de piscadelas, ou seja, devemos interpretar a realidade do autor, interpretar a realidade que ele cria, interpretar a recepção do público, e por fim, como assevera Bourdieu, interpretar nossas próprias interpretações.

### **Considerações Finais**

A vida acadêmica do cientista social por se confundir com a sua vida pessoal (que não deixa de ser o ideal) é cheia de percalços e angústias. Portanto, o cultivo de rituais que emprestem a essa rotina, uma “normalidade” científica é um trunfo para que o pesquisador obtenha resultados satisfatórios em suas incursões no mundo da pesquisa. Além disso, sendo parte de uma comunidade acadêmica é importante a troca constante de experiências, principalmente, como pesquisadores mais habituados com a prática da pesquisa e do fazer ciência em geral. A troca de idéias com seus pares, exposições de trabalhos, participação de grupos de pesquisas, são atividades que devem fazer parte da rotina de um bom pesquisador. Até porque, são coisas que despertam o tino científico, a criatividade, a perspicácia para as nuances da realidade (social) que o cerca. O fato é que o acúmulo de capitais específicos do campo científicos, passa pela necessidade de o pesquisador incorporar o “espírito” da ciência. É uma entrega de “corpo e alma” e o indivíduo que se presta a esse caminho, tem que ter a certeza de onde quer chegar.

Apesar de essas parecerem coisas corriqueiras, não são tão fáceis de se alcançar, pois, exige-se treino, esforço e rigor, há de se ter objetividade. A mesma objetividade que a elaboração de um projeto de pesquisa e a construção do objeto exigem, etapas essenciais dos caminhos do conhecimento. Não basta só gostar ou sentir entusiasmo para se alcançar o resultado, é preciso que se utilize método.

Como o caso da temática de minha pesquisa que expus aqui. Trata-se de um assunto que me agrada imensamente e com o qual considero ter mais afinidade, ou seja, a sociologia da literatura. Contudo, percebo que mesmo tendo afinidade com a temática, não significa que seja menos angustiante, sempre existem as dúvidas de qual seja a forma mais apropriada de tratá-lo, a pergunta mais incisiva, o ângulo mais revelador. Por outro lado, percebo que essas angústias, a vontade de superá-las é, na verdade, o que nos move.



## REFERÊNCIAS

BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**: a explicação histórica dos quadros. tradução Vera Maria Pereira; introdução à edição brasileira Heliana Angotti Salgueiro – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**./ Organizador [da coletânea] Renato Ortiz [tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi]. – São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **As regras da arte**: a gênese e a estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, Pierre, **O poder simbólico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

ELIAS, Norbert. **Sociologia de um gênio**; organizado por Michael Schroter; tradução, Sérgio Goes de Paula; revisão técnica, Renato Janine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1995.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDIN, Linda M. P. **A pesquisa como artesanato intelectual**: Considerações entre método e bom senso/ Linda M.P Gondin, Jacob Carlos Lima. – São Carlos: Edufscar, 2010.

MILLS, C. Wright (Charles Wright). **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**; seleção e introdução Celso Castro; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Celso castro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução, organização e notas de Pedro Sussekind – Porto Alegre: L &PM, 2011.

